

MANOEL PEREIRA REIS: A TRAJETÓRIA DE UM ASTRÔNOMO BAIANO

Rundsthen Vasques de Nader
Observatório do Valongo / UFRJ
Doutorando do HCTE/UFRJ
rvnader@ov.ufrj.br

Nadja Paraense Santos
Docente do programa HCTE / UFRJ
nadja@iq.ufrj.br

Introdução

O que sabemos de Manoel Pereira Reis é pouco até agora, como aliás, de grande parte da história da ciência no Brasil. Nasceu na Bahia, Salvador, em 12 de novembro de 1837. A partir daí temos um hiato até o ano de 1856, onde o encontramos concluindo seus estudos secundários no Mosteiro de São Bento e, em 1857, matriculou-se na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Pereira Reis, livreiro e professor de desenho, pintura e arquitetura, e Ana Bernardina Pereira Sampaio.

Depois de rápida passagem pela Escola de Belas Artes, Reis ingressou, em 1858, como professor adjunto de desenho na Escola Naval, onde lecionou topografia e hidrografia. [1]

Em 1872 vamos reencontrá-lo na Escola Central, instituição criada a partir de 1858, oriunda da antiga Escola Militar. O ensino nessa Escola abrangia três cursos distintos: um curso teórico de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais, um curso de Engenharia e Ciências Militares, e um curso de Engenharia Civil, voltado para as técnicas de construção de estradas, pontes, canais e edifícios, ministrado aos não-militares, ou seja, aos civis que freqüentavam as aulas (a palavra *civil* ainda não era empregada, nem fora mencionado na Carta Régia que instituiu a Academia).[2] Foi neste ambiente, em 1872, que ele concluiu seu curso de Engenharia Civil, onde também se tornou bacharel em Ciências Físicas e Matemáticas.

Em 1874, a Escola Central transferiu-se do Ministério do Exército para o Ministério do Império, com o nome de Escola Politécnica, atendendo apenas alunos civis.

Pereira Reis vai para o Imperial Observatório Astronômico

Em algum momento entre 1872 e 1876 Pereira Reis tornou-se astrônomo do Imperial Observatório Astronômico (IOA). O primeiro registro que se tem dele no observatório é de 1876, feito pelo então Ministro da Guerra:

“Por aviso de 31 de março [1876], assinado pelo Duque de Caxias, Presidente do Conselho e Ministro da Guerra, foi conferido o título de “Astrônomo” ao Adjunto do Imperial Observatório Astronômico, Manoel Pereira Reis, com direito a substituir o Diretor em seus impedimentos e faltas. A distinção foi concedida pelos serviços fora do comum prestados pelo referido Adjunto, “o mais habilitado em prática e teoria” no dizer do próprio Diretor.” [3]

No IOA, em 1876, Reis trabalhou na determinação da posição geográfica de várias localidades da província de São Paulo e da Estrada de Ferro Rio Claro e de seu prolongamento. Este trabalho foi elogiado por Emmanuel Liais, então diretor do observatório, com quem viria, posteriormente, travar longa contenda. (Pela qualidade excepcional dos resultados obtidos nestas determinações, Reis foi citado no principal anuário de avanços científicos, o *L'Année Scientifique et Industrielle* de 1877, tendo sido condecorado por serviços prestados ao Estado por D. Pedro II no mesmo ano como Oficial da Ordem da Rosa. [8])

Em 1875 Liais reivindicou para o IOA as atribuições da Repartição da Carta do Império, a fim de legitimar e assegurar continuidade à astronomia ali praticada. Em carta enviada ao imperador em 09 de julho de 1875, Liais afirmava:

“Ao encarregar o Observatório da Carta, eu creio que se estaria assegurando seu futuro e garantindo-o junto à opinião pública, que assim lhe compreenderia melhor a utilidade, de maneira que seu desenvolvimento poderia ser maior”. [4]

Em 1877 Reis determinou a diferença das longitudes entre o IOA e Barra do Pirai, utilizando pela primeira vez no país o telégrafo para este fim, apresentando ao mesmo tempo a publicação *Determinação da diferenças da latitude e longitude entre o Imperial Observatorio do Rio de Janeiro e Barra do Pirahy* (1877). Segundo Liais, em ofício dirigido ao Duque de Caxias, dizia que esta publicação honrava “ao seu autor, Dr. Manoel Pereira Reis, ao Observatório do Brasil e a nova e engenhosa organização de seus instrumentos”. [5]

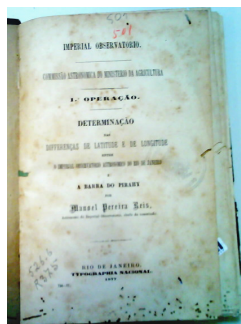


Figura 1: Página inicial de *Determinação da diferenças da latitude e longitude entre o Imperial Observatorio do Rio de Janeiro e Barra do Pirahy*, publicada por Manoel Pereira Reis em 1877 (Biblioteca de Obras Raras da Escola Politécnica da UFRJ).

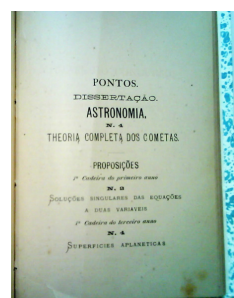
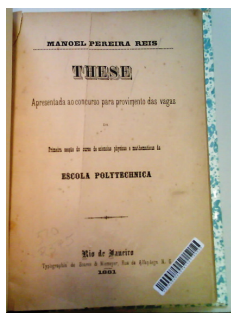
Começam as brigas

Liais nomeou, em 1873, Pereira Reis chefe da comissão encarregada da Carta Geral do Império. Porém, em fins de 1878, aparentemente ordens mal interpretadas dadas por Liais provocaram o afastamento dos membros responsáveis pela elaboração da Carta Geral, dentre os quais, Pereira Reis. A partir deste incidente desenvolveu-se toda uma longa controvérsia entre Pereira Reis e IOA, que duraram anos. Henrique Morize, diretor do observatório entre 1908 e 1929, descreve Liais como competente, mas impaciente e irascível:

“A extraordinária erudição de Liais, bem como a notável atividade e a poderosa inteligência, davam justa esperança de que sua ação fosse eficaz para o desenvolvimento do Observatório. Infelizmente, seu gênio impaciente e

irascível adquiriu-lhe animosidades, cujos efeitos duraram até época recente, e prejudicaram o progresso do estabelecimento”. [3]

Em 1879, Reis ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, como substituto do professor de desenho do curso de Ciências Físicas e Matemáticas, chegando em 1881 a lente catedrático de astronomia, após ter defendido em concurso a tese *Theoria Completa dos Cometas*.



Figuras 2 e 3: Páginas iniciais da tese *Theoria Completa dos Cometas*, defendida por Manoel Pereira Reis em 1881, para ser tornar lente catedrático de astronomia da Escola Politécnica (Biblioteca de Obras Raras da Escola Politécnica da UFRJ)

Provavelmente o temperamento explosivo de Liais contribuiu para o vulto que essa polêmica tomou. Apenas o seu gênio, entretanto, não explicaria as inúmeras outras críticas feitas por Pereira Reis e que continuaram a ser dirigidas ao IOA, mesmo após a saída de Liais e se seu retorno à França. A polêmica, iniciada em fins do ano de 1878, ocupou as páginas dos principais jornais da época, com acusações a respeito da incapacidade da instituição em precisar o meridiano absoluto. Estava em questão a capacidade do Observatório em determinar as suas próprias coordenadas através de um método desenvolvido por Liais. Pereira Reis atacava continuamente a instituição e o seu diretor junto às autoridades governamentais, duvidando da competência científica e da honestidade de Liais. Tal questão alcançou a Câmara dos Deputados, por meio de uma carta de Pereira Reis ao deputado Costa Azevedo, na qual aquele afirmava que o Observatório era uma instituição “inútil” [4].

Membro do Instituto Politécnico Brasileiro, com sede no Rio de Janeiro, Pereira Reis levou suas sérias e pesadas acusações para as sessões de Congregação do Instituto. Devido às ações de Pereira Reis, Liais foi expulso do quadro de sócios dessa agremiação.

“Considerando, que o Sr. Dr. Emmanuel Liais, sócio honorário do Instituto Politécnico Brasileiro, em vários artigos que publicou no *Jornal do Commercio* de junho do corrente, [...] injuria o Instituto, denominando-o de associação de ignorantes, estouvados e outros epítetos [...]. Proponho, que [...] seja eliminado do quadro de sócios honorários do Instituto Politécnico Brasileiro”. [6]

Nos anos de 1879 e 1880 Liais insistiu na mudança do Observatório, sugerindo o Morro de Santo Antônio para sua localização. Não foi, contudo, atendido em nenhum de seus pedidos e solicitou, sua exoneração, indicando Luís Cruls para substituí-lo e desligando-se oficialmente em março de 1881.

Para Liais esta foi mais uma (a última para ele) tentativa de colocar Pereira Reis no ostracismo.

A criação do Observatório da Escola Politécnica

Em 1871 com o desligamento do IOA da Escola Central, e sua posterior transferência do Ministério da Guerra para o Ministério dos Negócios do Império em 1877, os alunos da Escola Politécnica que tinham aulas da cadeira de Astronomia e Geodésia perderam o local onde eram ensinadas as práticas de Astronomia de Campo e Geodésia.

Em 1879, a Congregação da Escola Politécnica do Rio de Janeiro aprovou que a construção de um pequeno observatório, necessário à instrução prática dos alunos, fosse feita no edifício da própria Escola, num dos seus terraços. As aulas iniciaram-se, a título precário, em setembro de 1880, tendo como professores, entre outros, Pereira Reis, Galdino Pimentel, Paulo de Frontin e o Barão de Teffé (Antônio Luís Von Hoonholtz). Em julho de 1881 a Congregação da Escola Politécnica recebia a doação de um pequeno observatório, situado no Morro de Santo Antônio, equipado com instrumentos para astronomia meridiana. Os doadores foram Manoel Pereira Reis, Joaquim Galdino Pimentel e André Gustavo Paulo de Frontin. Assim, em outubro de 1881, fundaram o Observatório do Morro de Santo Antônio, ligado à Escola Politécnica, ou Observatório da Escola Politécnica (OEP), que hoje é o Observatório do Valongo da UFRJ. [8]

O observatório dirigido por Pereira Reis foi apoiado financeiramente pela direção da Escola Politécnica, o que lhe propiciou adquirir vários instrumentos e até mesmo verbas para a construção de um anexo em Barbacena (MG) em 1894. [7] Todavia, não foram encontrados ainda quaisquer registros de observações astronômicas com fins científicos feitas no OEP, o que nos faz supor que a astronomia neste observatório era compreendida como capaz de fornecer apenas resultados didáticos, sendo o local onde os alunos daquela escola recebiam os ensinamentos práticos de astronomia e geodésia.



Figura 4: Entrada do Observatório da Escola Politécnica (Biblioteca do Observatório do Valongo, Arquivo Histórico de Documentos).



Figura 5: Vista aérea do Observatório da Escola Politécnica na época do início do desmorte do Morro do Santo Antônio, em 1922 (Arquivo da Marinha, Divisão de Documentos Especiais).

Aos poucos Pereira Reis foi fazendo melhorias no Observatório. Em 1901 esteve em Paris e acertou com L. Pierre Gauthier a compra de instrumentos astronômicos que seriam enviados ainda naquele ano: luneta equatorial, círculo meridiano, astrolábio e outros.

Com Ortiz Monteiro na direção da Escola Politécnica (1905-1913) o OEP teve grande apoio, tendo sido feita uma reforma completa nas instalações entre 1906 e 1907, com diversas construções novas e a importação e instalação da Grande Equatorial 300/5500 mm, o maior instrumento instalado no Brasil à época, fabricada pela Cooke & Sons. [8] Este instrumento encontra-se atualmente instalado no Observatório do Valongo.



Figura 6: Grande Equatorial 300/5500 mm Cooke & Sons no Observatório do Valongo (arquivo pessoal).

Todavia, em 1921, a Prefeitura do Distrito Federal, necessitando realizar a obra de desmonte do Morro do Santo Antônio para a reurbanização do centro da cidade, propôs a permuta do terreno onde estava o Observatório por outro, localizado no Morro da Conceição, na chamada *Chácara do Vallongo*. Assim, entre 1924 e 1926, foi realizada a transferência do OEP e o observatório passou a ser conhecido, como referência ao local onde fora realocado, como Observatório do Valongo.

Considerações e Conclusões

Pereira Reis é um personagem intrigante da história da Astronomia no Brasil. Trabalhou como coroinha quando estudava no Mosteiro de São Bento, era artista plástico, trabalhou no Imperial Observatório Astronômico, de onde foi do céu ao inferno meteoricamente, e de lá saiu para fundar um observatório. Foi professor de Astronomia e Geodésica na Escola Politécnica do Rio de Janeiro e de Desenho na Escola Naval. Logo após a Proclamação da República em 1889 Benjamim Constant, ao olhar a nova bandeira do Brasil confeccionado pelo líder positivista Raymundo Teixeira Mendes, não gostou da posição das estrelas e mandou chamar Pereira Reis para corrigir as suas posições. Após aposentar-se, trabalhou como membro da comissão responsável pelas obras de reurbanização do centro do Rio de Janeiro na gestão de Pereira Passos. Chegou mesmo a ser eleito deputado federal pelo Rio Grande do Norte.

Pereira Reis é uma figura já muito julgada em trabalhos anteriores, porém há uma boa parte de sua vida que ainda não nos foi dada conhecer. Aparentemente não publicou muito, talvez tenha perdido muito tempo em discussões infrutíferas e estéreis. Talvez, como nos conta o almirante Américo Basílio Silvado em artigo no Jornal do Comércio em 12 de novembro de 1932, seja a mágoa de uma paixão platônica. Nas palavras do almirante, antigo aluno de Reis, “Não havendo sido nunca nomeado diretor do Observatório do Rio de Janeiro, pelo qual me disse uma vez com lágrimas nos olhos, que morreria sem deixar um sucessor...”. Pereira Reis morreu em Barbacena, Minas Gerais, em 26 de junho de 1922, no início do desmonte do Morro do Santo Antônio, aos 85 anos.

Resumindo, Pereira Reis fundou um observatório que sobrevive até hoje, formando astrônomos. O que não é pouco. Além disso, em quantas cidades no planeta há um observatório astronômico? Pois, graças a ele, o Rio de Janeiro tem dois.

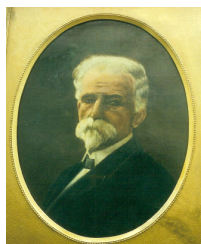


Figura 7: Manoel Pereira Reis (Museu da Escola Politécnica da UFRJ).

Referências Bibliográficas:

- [1] Silvado, Américo Brasília, “*Manoel Pereira Reis: homenagem à memória do ilustre cientista; por ocasião da passagem do seu nascimento*”, carta ao *Jornal do Commercio*, 12 de novembro de 1938.
- [2] Telles, Pedro Carlos da Silva, *História da Engenharia no Brasil - Século XX*, Rio de Janeiro: Clube de Engenharia, 1993, 1ª Edição.
- [3] Morize, Henrique, *Observatório Astronômico: Um Século de História (1827 – 1927)*, Rio de Janeiro: Ed. Museu de Astronomia e Ciências Afins: Salamandra, 1987, p. 73.
- [4] Oliveira, Januária Teive e Videira, Antonio Augusto Passos, *As polêmicas entre Manoel Pereira Reis, Emmanuel Liais e Luiz Cruls na passagem do século XIX para o século XX*, *Revista da SBHC*, nº 1, 2003 p. 45.
- [5] Moraes, Abrahão de, *Astronomia no Brasil*, São Paulo: Universidade de São Paulo, Instituto Astronômico e Geofísico, 1984.
- [6] *Revista do Instituto Politécnico Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 15, 1879.
- [7] Oliveira, Januária Teive e Videira, Antonio Augusto Passos, *op. cit.* p. 46.
- [8] Campos, José Adolfo S. de, *Os primórdios do ensino da Astronomia no Brasil*, in *A Astronomia no Brasil: Depoimentos*, São Paulo: editado pela Sociedade Astronômica Brasileira, 1994, p. 95.